

artista, foi reconhecido que é o homem que inflige a muitos outros homens tamanho suplício e a verificação os abala e impressiona a tal ponto, que as cenas terríveis os perseguem durante toda a vida.

E' por ordem do dono da fábrica, que segundo a comovente narrativa de John Fielden, os operários indefesos, mulheres e crianças, são martirizados e atormentados, expostos à morte prematura em virtude dos excessos de trabalho, chicoteados, acorrentados, forçados a morrer de fome "enquanto o chicote os obriga a trabalhar".

Tão horríveis são as torturas a que estão expostos os operários do princípio do século XIX, que os homens mandados para o Novo Mundo com as primeiras máquinas fogem para a mata virgem, logo depois de sua chegada e nem as mais atraentes ofertas conseguem decidí-los a voltar para as fábricas. Ainda no ano de 1846, os fabricantes de Massachusetts somente conseguem recrutar seu pessoal mercê dos "carros de escravos" mandados por todo o país e cujo condutor recebe o prêmio de um dólar por cada moça que consegue aliciar. Além disso, uma gratificação suplementar lhe é concedida, para as moças cujo domicílio fôr bastante afastado para lhes dificultar mais tarde a fuga.

Por toda parte onde se erguem novas fábricas, a mesma coisa se repete: os relatos referentes ao início da era industrial, na América, não diferem dos que nos foram transmitidos da Inglaterra e, mais tarde, da Índia e da China. Parece ter-se formado na América uma "horda de criaturas miseráveis" vivendo de baixo do arbítrio dos donos das fábricas. Nas fábricas de fiação de Bombaim, os operários, — para empregar uma expressão de Ghandi, — são tratados "como escravos". Lá, o operariado da Índia se vê explorado "do modo mais escandaloso". De que os donos das fábricas sejam mais cruéis que feras, nô-lo confirmam as recentes notícias de Shangai.

São os donos das fábricas e seus inspetores que, no Yorkshire, pelo comêço do século XIX "já das duas às quatro horas da madrugada, arrancam, de seus leitões sujos, pequenas criaturas sem vontade de nove e dez anos de idade" e obrigam-nas "a simples trôco de sua subsistência, a trabalhar até às dez horas ou até a meia-noite, apesar de seus membros definharem, sua figura enfezar-se, sua face embrutecer-se e seu aspecto humano petrificar-se num torpor rijo cuja vista basta para causar arrepios".

Cem anos mais tarde, é a vez dos donos de fábricas do Egipto darem instruções a seus inspetores para que "com varas e chicotes, dêem sistematicamente, pancadas na cabeça" das crianças, com o fim de compelí-las a prestarem toda a sua atenção a um trabalho que dura das cinco horas da madrugada até as nove da noite.

Os industriais de Shangai é que são os culpados se as crianças que formigam nas fábricas de seda "queimam os dedos ao retirar os casulos dos potes cheios de água a ferver e vêm a morrer da infecção sub-

seqüente". São ainda os industriais de Shangai os culpados se "o fedor, lá, é pior do que na mais nojenta fiação de algodão que jamais houver servido a motivo de escândalo no Lancashire, "porque, a todas as outras exalações pestilenciais vêm-se juntar "o cheiro das pequenas crianças que nunca se podem lavar, acorrentadas em baixo dos teares, e o dos bichos em putrefação dentro dos casulos".

Ainda em meio às agitações dos "luddites", quando os operários atribuíam sua miséria unicamente às diabólicas criaturas de aço, quando era somente contra estas que seu furor se dirigia, William Cobbett lhes gritara: "Não são as máquinas contra as quais estais saciando a vossa ira, as causantes de vossa miséria e de vossa desgraça, e sim os ricos, os donos".

E' de Hegel a frase de que ninguém pode "prevaler-se de um direito contra a natureza", ao passo que, na sociedade humana, qualquer penúria ou falta, toma logo "a forma duma injustiça cometida contra uma classe qualquer". Eis porque, mal se há transformado o instintivo medo aos "demônios de aço", em certeza de que não são propriamente as máquinas e sim seus donos que "economizam trabalho", que tiram o pão aos homens e fazem baixar os salários prolongando as horas de trabalho e já desperta nos trabalhadores o sentimento de serem vítimas duma injustiça.

O que, quinhentos anos antes, haviam sentido os servos da gleba que acompanhavam a John Ball, experimentam-no agora os operários, servos das fábricas: riqueza e pobreza — as peliças de uns e os trapos de outros — nada disso constitue uma fatalidade imutável ou inevitável, contra a qual ninguém possa opor um direito. Bem pelo contrário, é a maldade e a perfídia que deixam centenas de milhares sem pão e, contra essa obra humana, é possível a revolta. A essa injustiça, pode o homem contrapor seus direitos, e em primeiro lugar, seu direito à justiça.

Sempre houve injustiças — injustiça do rico para com o pobre; injustiça do senhor para com os servidores. Os profetas não se cansam de fazer ecoar seu apêlo à justiça e de implorar uma ordem universal dentro da qual já não terá de se ouvir, mais tempo, "a voz dos prantos nem a voz das lamentações", na qual "uns não terão de edificar o que outros habitarão, nem de plantar o que outros comerão". Mal transcorrido um século após a época homérica, já Hesíodo levanta sua voz para lastimar a miséria dos pobres sem proteção, e exclama: "Oxalá não tivesse eu de viver nesta quinta geração de homens, nesta era de ferro!" No limiar da era cristã, encontramos gravada como num frontão, a frase dirigida pelo estóico Mara a Serapion: "À medida que crescem as fortunas, aparecem também mais